

ANÁLISE DE DISCURSO: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA

Maria José Rodrigues Faria CORACINI (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

ABSTRACT: *Starting with a brief review of the different ways in which the term discourse is currently being employed, the paper proceeds to discuss the methodology of discourse analysis, as a preliminary to taking stock of its concrete results. Notions such as that of language and the subject of discourse are also discussed, insofar as they have a direct bearing on the issue. Examples from primary scientific literature are brought in as evidence for the arguments presented.*

"L'analyse du discours se constitue par un travail de 'bricolage'... elle n'en est encore qu'au stade où elle essaie un peu tous les outils méthodologiques disponibles". (D. Maingueneau, 1976)

"... 'analyse du discours' peut désigner aujourd'hui à peu près n'importe quoi (toute production langagière) peut être dite 'discours'..." (D. Maingueneau, 1987)

Afirmações como essas vêm mostrar, de um lado, a imprecisão com que vem sendo usado o termo Análise de Discurso, proveniente das múltiplas definições atribuídas pelos lingüistas ao termo "discurso" e, de outro, a sua incipiência pela ausência de uma definição metodológica (cf. Bouacha, 1984). Diante disso, consideramos a necessidade de: 1) discutir a respeito de diferentes pontos de vista sobre a Análise de Discurso, que decorrem, sem dúvida alguma, da diversidade de concepções de linguagem, língua e sujeito; 2) refletir sobre a metodologia de Análise de Discurso. Tentaremos, então, mostrar, a partir de alguns exemplos extraídos de um corpus de 70 ar-

tigos científicos primários¹ (em português e em francês), na área de Biociências, que o ponto de partida metodológico é determinante para a obtenção dos resultados.

1. Principais abordagens discursivas

Nesta parte do artigo, consideraremos, de forma muito sucinta, algumas das principais definições de discurso, melhor dizendo, aquelas que parecem ter tido uma certa repercussão no Brasil, para delas tentarmos apreender as orientações analítico-metodológicas capazes de reduzir a sua aparente variedade.

a) Discurso como sinônimo de "fala", numa concepção muito próxima à de Saussure na sua famosa dicotomia "langue/parole": concebendo a língua enquanto sistema abstrato passível de ser estudado, analisado, sistematizado, Saussure torna-a objeto de descrição e mostra a impossibilidade de estudo da "parole" (concretização do sistema linguístico), dada a sua variedade e assistemática. Ao separar a língua da fala, Saussure e os linguistas que o sucederam concedem existência a cada uma isoladamente, transformando-as em "coisas" (objetos), com realidade própria; ora, a língua sem a fala não passa de uma "abstração vazia", mental: sem vínculo algum com a história, é considerada na sua unicidade. Esfacela-se, assim, o conceito de linguagem em toda a sua complexidade.

b) Discurso enquanto unidade superior à frase (transfrástica), mensagem assumida globalmente, um enunciado na acepção mais tradicional do termo. Nessa concepção, encontram-se os trabalhos sobre o encadeamento das seqüências de frases, como o de Harris (1952), o primeiro a propor uma análise desse tipo, como atesta Maingueneau (1976).

c) Ainda no sentido de unidade transfrástica, Ducrot (1981) introduz, no conceito de discurso, a noção de situação de enunciação na qual tal unidade se acha inserida. É preciso lembrar que Ducrot toma enunciação no sentido abstrato de possibilidade virtual de produção de enunciados efetivamente realizados, dando a esse conceito "uma função puramente semântica" (op. cit.:34).

Convém lembrar que, em Ducrot (1984), proceder a uma descrição semântica lingüística de uma língua L significa integrar aos conhecimentos propriamente lingüísticos um certo número de leis de ordem psicológica, filosófica ou sociológica, um inventário das figuras de estilo empregadas pela coletividade que fala a língua L, com suas condições de aplicação, informações sobre as diferentes utilizações da linguagem nessa mesma coletividade (cf. op. cit.:15); nesse caso, a pragmática deixa de ser um suplemento da semântica, "o que confirma portanto a concepção segundo a qual a língua seria um instrumento intrinsecamente polêmico" (op. cit.: 44). Embora com importantes incorporações, mantêm-se a descrição ao nível abstrato da língua.

d) Discurso enquanto conjunto de textos escritos e produções orais numa determinada área do conhecimento científico e no âmbito da comunicação:

"On appelle discours scientifique l'ensemble des textes écrits et des productions orales ayant un contenu dit scientifique, c'est-à-dire lié à la recherche, l'enrichissement et la diffusion des connaissances sur la nature et le fonctionnement du monde minéral, végétal, humain etc." (Loffler-Laurian, 1983)

Tal definição, que se baseia no conteúdo da mensagem, pode estar associada a critérios pragmáticos para uma subclassificação em: discurso de divulgação científica, semi-divulgação/oficial/pedagógico (cf. Loffler-Laurian, op. cit.). Essa divisão estaria diretamente relacionada com os sujeitos da comunicação e à relação que se estabelece entre eles (dados pragmáticos). Note-se a extrema simplificação de tais critérios baseados no empirismo redutor de uma situação de comunicação.

e) Discurso enquanto modelo (matriz) a que se conformam os textos (Beacco & Darot, 1984). Nessa aceção que reduz discurso a forma, analisar um discurso significa determinar a matriz de uma série de textos de limitada por pertencer a um mesmo acontecimento comuni

cativo, evidenciando, por comparação, semelhanças lingüísticas de texto a texto (op. cit.: 7). Para esses autores, tal matriz discursiva se constitui de regularidades de natureza diversa, que se manifestam em dois níveis: o **plano macro-estrutural** (ao qual pertenceriam as operações discursivas que recobrem atos de fala; as operações cognitivas; as operações meta-discursivas responsáveis pelas marcas de organização de um texto...) e o **plano lingüístico** onde se encontram as marcas/traços das operações predicativas e enunciativas. Entre esses dois planos, Beacco & Darot propõem o estudo das operações lingüísticas. Na sua definição de AD, mantém-se a dicotomia lingüístico (texto)/extra-lingüístico (evento comunicativo):

"En ce qui nous concerne, il s'agit de mettre en correspondance des textes et un niveau relativement moins profond de leurs conditions de production: l'événement communicatif". (op. cit.:6)

f) Discurso em oposição a "história", dois planos da enunciação, na acepção de Benveniste, o primeiro, na França, a considerar a subjetividade na linguagem ressaltando a necessidade de se incorporarem aos estudos lingüísticos os fatos envolvidos no evento de produção dos enunciados. No plano do discurso, o sujeito se apropria da linguagem, definindo-se a si mesmo como "eu" e ao seu interlocutor como "tu"; nele, o sujeito se marca por mecanismos enunciativos. Postula o sujeito-locutor como o centro do ato de produção e, portanto, a origem (source) da linguagem.

De um modo geral, as teorias da enunciação que, de certa forma, encontraram sua inspiração em Benveniste, afirmam que, no texto, há marcas que atestam a relação do sujeito com seu dizer e, através dele, com o mundo; daí a preocupação, mais ou menos comum, de detectar e analisar essas marcas, como demonstram trabalhos como Kerbrat-Orecchioni (1980), Simonin-Grumbach (1975; 1977) e Weinrich (1973). A busca e a sistematização das mar-

cas da enunciação (ato de produção de um enunciador dirigindo-se a um enunciatário) no texto baseiam-se, a meu ver, numa visão relativamente simplista da transparência da linguagem, como se existisse uma relação direta entre as marcas e o que elas significam. Segundo Orlandi & Guimarães (1986:2),

"Pensar as marcas em si é uma postura que revela o mecanicismo e o empirismo de uma certa tendência lingüística".

g) Discurso enquanto lugar de "mise-en-scène" da significação que pode utilizar um ou vários códigos lingüísticos. Para Charaudeau (1983), "texto" seria o objeto que representa a materialização da "mise-en-scène" do ato de linguagem, resultado de um processo que depende de um sujeito falante particular e de circunstâncias de produção particulares (discurso). Nessa visão, a AD constituiria um ramo do estudo da linguagem que se serviria dos conceitos e do método da Lingüística e da Semiótica. Mais uma vez, nega-se à Análise de Discurso uma metodologia própria.

h) Discurso corresponderia a toda conversação (texto oral) que deve ser analisada em termos de organização das falas ("turn-taking"), segundo o modelo proposto por Sinclair & Coulthard em sua obra *Towards a Discourse Analysis*. Situam-se, nesta acepção, os trabalhos no âmbito da análise conversacional.

i) Finalmente, discurso enquanto processo em que o lingüístico e o social se articulam, objeto ao mesmo tempo social e histórico onde se confrontam sujeito e sistema. É a concepção da Escola Francesa de Análise de Discurso que estuda a materialidade discursiva a partir das condições de produção (formações imaginárias, segundo Pêcheux (1969): imagem que o locutor faz do lugar, do outro e do referente). Nessa acepção, a AD é uma teoria crítica que não se limita ao produto (texto) mas tenta "problematizar" e, portanto, compreender, a partir dos aparelhos sócio-ideológicos uma certa realização lingüística (ver Orlandi, 1986).

Os pontos de vista aqui esboçados poderiam, no nos so modo de ver, ser reduzidos a três, se considerarmos os conceitos de linguagem subjacentes:

a) linguagem como instrumento de comunicação que o locutor pode utilizar a serviço de suas intenções (por exemplo, convencer, argumentar, informar etc.), de suas necessidades. Nesta acepção, conserva-se, de algum modo, a dicotomia língua (código, sistema abstrato de signos) e fala (realização da língua).

b) linguagem definida pela própria existência do homem, pois é na e pela linguagem que o homem se constitui sujeito, como afirma Benveniste:

"C'est dans et par le langage que l'homme se constitue comme sujet; parce que le langage seul fonde en réalité, dans sa réalité qui est celle de l'être, le concept d'"ego"." (1966: 259)

c) linguagem enquanto trabalho, atividade, processo de produção do sentido, numa dada formação discursiva, em dadas condições histórico-político-sociais (cf. Orlandi, 1987).

Cabe observar que a diferença essencial entre b e c se encontra na própria concepção de sujeito: na concepção b, o sujeito é considerado na sua unicidade como sendo o criador absoluto e consciente de seu discurso, a fonte efetiva do sentido: suas representações lhe aparecem como sendo o reflexo do conhecimento objetivo da realidade (subjativismo idealista, no dizer de E. Orlandi, 1986), enquanto que em c, o sujeito, constitutivamente heterogêneo, é tomado como um ser marcado sócio-historicamente, pertencendo a uma dada formação discursiva que, por sua vez, decorre de uma formação ideológica. Outra diferença básica entre b e c: enquanto a primeira trabalha com a dicotomia lingüístico/extra-lingüístico, a segunda incorpora o que se chama extra-lingüístico (enunciadores, imaginário...) como constituinte da própria linguagem (modo de se relacionar com o real).

Os seguidores da última acepção (i), embora afirmem que partem da materialidade linguística, tentam problematizá-la pelo estudo das condições de produção que a determinam.

2. A Questão metodológica

Nesta parte, tentaremos mostrar que subjazem às várias abordagens ditas discursivas apenas dois modos de proceder: um que partiria do texto para recuperar a situação de enunciação (SIT EN) e outro que partiria de uma representação das condições de produção do discurso² (que incluem a situação de enunciação) inseridas numa certa formação discursiva que, por sua vez, insere-se numa dada formação ideológica) para compreender o texto e, portanto, os procedimentos linguísticos postos em prática. O primeiro corresponderia, grosso modo, (sem entrar em detalhes teórico-analíticos) ao que se chama análise de texto ou linguística textual e o segundo, à análise de discurso: o primeiro se preocupa com o produto buscando nele encontrar "vestígios" da situação extra-linguística, enquanto o segundo se preocupa com o processo buscando compreender (até onde isso é possível), na sua complexidade, as condições que possibilitaram a realização linguística.

Nesta parte, tentaremos mostrar rapidamente como a escolha da orientação metodológica determina os resultados e pressupõe uma teoria do significado. Para tal, servir-nos-emos de exemplos extraídos de artigos científicos primários, isto é, aqueles que têm por objetivo relatar uma experiência, na área de Biociências, escritos em francês e em português e publicados em revistas especializadas. Como o objetivo principal deste artigo é discutir a questão metodológica na AD, só mostraremos as semelhanças e diferenças no funcionamento dos textos nas duas línguas quando elas se mostrarem relevantes para o estudo em questão.

Num primeiro momento, abordaremos o artigo científico primário como unidade textual de análise e, num segundo momento, tentaremos inseri-lo numa formação dis-

cursiva e discuti-lo a partir das condições de produção, sem, contudo, realizar um estudo aprofundado dessas condições o que nos levaria a indagar sobre a ciência, a imagem que os cientistas têm do que seja fazer ciência no século XX e, mais precisamente, na década de 80³.

2.1 A análise que se segue recairá sobre os tempos verbais, a pessoa e a modalidade.

— Os tempos verbais

Ao atentarmos para a superfície lingüística, percebemos que os textos brasileiros e franceses analisados se caracterizam pela presença dos tempos do discurso, da subjetividade (segundo Benveniste) ou do comentário (segundo Weinrich, 1973): Presente do Indicativo, Passê Composé em francês, Futuro Simples, Futuro Próximo... provocando no leitor uma atitude tensa no dizer de Weinrich.

Entretanto, todas as vezes em que o texto brasileiro faz referência à experiência científica, são os tempos do passado (da história, da objetividade para Benveniste ou do relato para Weinrich)⁴ que aparecem — Pretérito Perfeito Simples/Passê Simple; Futuro do Pretérito (simples e composto)/Conditionnel; Mais que Perfeito/Plus que Parfait... — provocando no leitor uma atitude relaxada. Exemplo:

"Uma única coleta foi realizada... Foram escolhidas dez árvores... as folhas foram sucessivamente destacadas... Os envelopes contendo as folhas foram prensados..." (P-VII)

Entretanto, se fizermos um levantamento estatístico (como propõe Weinrich), o texto científico primário brasileiro (e francês) seria classificado no tipo "comentário", o que favorece uma concepção argumentativa do texto científico.

"Cette 'obstination' des morphèmes temporels à signaler commentaire et récit permet au locuteur d'influencer l'auditeur, de modeler l'ac-

cueil qu'il souhaite voir réservée à son texte. En employant les temps commentatifs, je fais sa voir à mon interlocuteur que le texte mérite de sa part une attention vigilante. Par le temps du récit, au contraire, je l'avertis qu'une autre écoute, plus détachée, est possible." (Weinrich, 1973)

No corpus francês, ao lado de relatos de experiência no passado (como nos textos brasileiros), encontram-se inúmeros exemplos em que a experiência é contada no presente:

"L'eau d'élevage est diluée par remplacement progressif de l'eau de mer par de l'eau du robinet préalablement refroidie à 15°C. /.../ L'eau d'élevage est concentrée par addition de sels marins (WIMEX) dans un aquarium... Les prélèvements d'hémolymphe sont réalisés après un séjour..." (F-XV)

Poderíamos, então, concluir que os textos franceses são menos "objetivos", isto é, menos de acordo com os fatos reais, que os textos brasileiros que respeitam linguisticamente o momento em que a experiência se produziu, anterior ao momento de enunciação (presente em que se situa o sujeito enunciador)? A resposta a essa questão parece-nos um tanto precipitada...

- A pessoa

De modo geral, os artigos científicos de tipo primário se caracterizam pelo recurso à terceira pessoa: é o objeto da pesquisa que exerce o papel de sujeito ativo como se ele quisesse "se dizer". Alguns exemplos:

"O espectro de massa mostrou um pico molecular com relação m/e igual a 420." (P.XXXIII)

"Em resumo, os dados indicam que se trata de um composto alifático." (P-XXIII)

"... aucune donnée ne permet actuellement d'envisager..." (F-XIX)

"La structure de l'uretère de Parmacella et de Limax... permet diverses interprétations..." (F-XVI)

Poder-se-ia, então, afirmar com Heslot (1983) e Vigner (1979) que o discurso científico constitui um discurso sobre as coisas, onde um "ele não-humano" é o sujeito de verbos de estado e de processo.

Também muito frequente é o emprego das formas que indeterminam o sujeito-agente: em português, o emprego do morfema *se*; em francês, do pronome *on*. Vejamos alguns exemplos:

"Neste estudo pode-se concluir que..." (P-XXVI)

"Pode-se acreditar, portanto, que o ápice..." (P-XIV)

"Procedeu-se à pesquisa deste ácido segundo o método de Rabatê & Gourévitch (1931 e 1941) em 500 g de pó." (P-XXIII)

"Dans le cas de la transplantation de greffons trisomiques sur des diploïdes, *on* constate une divergence..." (F-III)

"*On* note encore au bout de 15 min..." (F-XV)

É bem verdade que esses morfemas permitem, frequentemente, em português (sobretudo em combinação com um tempo do passado), a incorporação do interlocutor, mas, sem dúvida alguma, eles constituem, ao lado da voz passiva, um modo de esconder o enunciador e de conceder ao texto a objetividade que lhe convêm. Como a voz passiva constitui exemplo clássico das formas de expressão científica na terceira pessoa, transcreveremos, a seguir, apenas

dois dos muitos exemplos extraídos do corpus P e dois outros do corpus F:

"O estudo do balanço hídrico foi efetuado através ..." (P-XXII)

"Parte do material utilizado neste trabalho foi coletada em Teresópolis..." (P-XXI)

"... une partie du lot de crabes a été mise dans un aquarium..." (F-XXII)

"... les pédoncules ont été ligaturés..." (F-XXIII)

Embora tenhamos encontrado no corpus F artigos escritos na primeira pessoa do singular e, nas duas línguas, o emprego menos raro do pronome "nós/nous", mesmo em se tratando de um só autor, a grande frequência de enunciados na terceira pessoa leva a concluir que há, ao menos, uma certa dose de incoerência entre o emprego dos tempos verbais que classificaria o artigo científico primário no plano do discurso (comentário) e o emprego da terceira pessoa que o colocaria no plano da história (récit). Assim, se seguirmos ortodoxamente os dois linguistas, a análise textual dos tempos verbais e da pessoa permite-nos concluir pela objetividade, uma vez que o locutor tenta, por um lado, dar a impressão de fidelidade ao tempo cronológico (exceto no caso em que os textos franceses apresentam o relato de experiência no Presente) e, por outro lado, se esconder enquanto pesquisador, mostrando, desse modo, imparcialidade e isenção na investigação científica.

- A Modalidade

Embora consciente das diferentes concepções do termo modalidade e das inúmeras classificações que delas decorrem, segundo o aparato teórico que as recobrem⁵, usaremos a concepção da linguística da enunciação, segundo a qual a modalidade corresponde à modalização, ou seja,

a uma operação enunciativa que marca o ponto de vista do sujeito enunciador sobre o que enuncia, assumindo-o ou dele se distanciando. Neste caso, a modalidade não se restringiria aos enunciados com marcadores modais explícitos, mas abrangeria todo o ato de enunciação. "*Culio-li, integrando as modalidades aos sistemas lógico-linguísticos que ele próprio elaborou para a análise das línguas naturais, distingue quatro tipos de modalidades, alertando que se trata de uma 'estrutura complexa que não pode ser reduzida a um simples catálogo'*" (Boucha, 1984:116): a) a modalidade da asserção, que tem a ver com a verdade dos enunciados e, portanto, com b) modalidade do certo/não certo, que engloba todos os valores intermediários entre verdadeiro e falso: provável, verossímil, possível, eventual; c) modalidade apreciativa, que marca uma apreciação, um posicionamento explícito da parte do sujeito enunciador, assumindo, frequentemente, o caráter de modulação subjetiva sobre a asserção à qual se acrescentaria um julgamento de valor; d) modalidade intersubjetiva, que compreende o deontico, o querer, a permissão, enfim, marca as relações entre os dois sujeitos (enunciador e enunciatário).

A grande profusão de enunciados assertivos confere ao relato de experiência científica o caráter de verdade inquestionável. A asserção funcionaria, então, como um argumento por autoridade que poderia ser assim parafraseado: "eu (enunciador, cientista autorizado pela pesquisa realizada e respaldado pela literatura da área) di go que é verdade que p":

"Drogas antimitóticas, tais como colchicina e vimblastina, interagem com as proteínas dos microtúbulos tendo uma ação inibidora sobre os mesmos..."

"No presente trabalho, os resultados radioautográficos demonstraram que os odontoblastos do incisivo inferior de camundongo incorporaram sulfato radioativo, aos 10 minutos após a injeção na região supranuclear, correspondente à zona do Golgi, nos

três grupos experimentais." (P-III)

"Les écailles externes non chlorophylliennes des bourgeons d'Aesculus hippocastanum L. exsudent un matériel huileux de composition hétérogène."

"L'existence d'un réticulum endoplasmique tubulaire lisse comme constituant cellulaire prédominant est une caractéristique commune aux glandes terpéniques d'Arctium lappa." (F-XIX)

Ao lado das asserções são também frequentes os enunciados com marcadores da modalidade assertiva, sobretudo do tipo "É sabido que..., Sabe-se que..., É fato comprovado que...", que apelam para o conhecimento partilhado, reduzindo ainda mais as possibilidades de refutação (paráfrase possível: "aquele que desconhece o que eu digo está mal informado"). Apenas alguns exemplos:

"É sabido que tanto a colchicina quanto a vimblastina provocam dissolução e rompimento dos microtúbulos..." (P-III)

"Chez les espèces fortement hyper-régulatrices, il est connu que..." (F-XVIII)

Poderíamos, então, dizer que a modalidade assertiva desempenha um duplo papel no discurso científico:

- a) o de convencer pelas afirmações da verdade que está sendo enunciada;
- b) o de camuflar a origem enunciativa: afinal, aparentemente, é o enunciado quem diz, o fato (o objeto observado) que se apresenta e não o sujeito enunciador.

Ao lado das asserções, caracterizam o corpus analisado, os enunciados marcados pela modalidade do certo/não certo:

"Por outro lado, a colchicina parece atuar.../.../

e provavelmente na forma de complexos proteoglicans." (P-III)

"...Este resultado pode ser devido a 2 fatores: um, a colchicina no interior dos odontoblastos parece ter atuado na fase final do processo de sulfatação, onde o sulfato radioativo já deve ter sido acondicionado na forma de glicosaminoglicans [...]; e o outro relaciona-se com a vimblastina, cuja atuação presume-se ter ocorrido..." (P-III)

"Ce retard est peut-être surestimé car..." (F-V)

"...les dictyosomes sont très nettement marqués — (fig. 6, 7) et il semble qu'on puisse attribuer des grains à du R.E. de type lisse." (F-XV)

"La mise en évidence du rôle prépondérant de la température... est probablement liée à l'établissement d'une relative sécheresse..." (F-IV)

A presença de operadores modais do tipo "provavelmente, é possível, talvez, parece, presume-se...", ao mesmo tempo em que imprimem ao texto um caráter de cientificidade, abrindo espaço para pesquisas futuras, garantem ao sujeito enunciador um certo grau de distanciamento e descompromisso com relação ao que enuncia.

A presença, pois, desses modalizadores e dos enunciados assertivos orienta o trabalho interpretativo (cf. Beacco, 1988:164), permitindo concluir a favor de uma visão objetiva do discurso científico de tipo primário, que se caracteriza, de um lado, por seu caráter de abertura e novas "descobertas" e, de outro, pelo que se chama linguagem denotativa, longe das emoções e das apreciações que caracterizam os enunciados ditos subjetivos.

Quanto às outras modalidades — apreciativa (Ex. — "Trata-se de problema sério..." (P-I); Malheureusement l'hypothèse de la fonction respiratoire du sac coquil-

lier... est simpliste sinon fausse." (F-XVI)) e intersubjetiva (Ex. — Note-se que..., il faut noter que...) — embora presentes nos artigos analisados, ocorrem em número bem inferior, de forma que não chegam a alterar as características básicas do discurso científico. Ressalte-se, ainda, o fato de que, frequentemente, a apreciação vem seguida de uma justificativa explícita ou de um número que remete a uma citação, figura ou tabela que a tornam válida. Exemplos:

"...nos prolongamentos odontoblastos e pré-dentina, /.../ a reação foi mais intensa do que no grupo precedente (Fig. 4-5)." (P-III)

"Les travaux réalisés sur des glandes essentiellement terpéniques /.../ se sont avérés d'un intérêt primordial car ils ont permis de dissocier les caractéristiques des différents processus sécrétoires présents." (F-XIX)

Vejam, agora, como procederá uma análise que tivesse como ponto de partida o estudo das condições de produção.

Nesta visão, assumimos texto como o resultado concreto, material, sensível de um processo de construção do sentido que se chama discurso; este processo compreende as relações entre os enunciadores (produtores do sentido, incluindo-se, aqui, o leitor), entre texto produzido e condições de produção, dentre as quais figura a chamada comunidade interpretativa que assegura a existência de regularidades. Assim, um texto só existe numa dada situação de enunciação, sob determinadas condições de produção vinculadas a uma dada formação discursiva (FD) que, por sua vez, vincula-se a uma dada formação ideológica (FI). Fora dessas condições, ele não passa de um conjunto amorfo de sinais gráficos (cf. J. Derrida, 1973 e M. Foucault, 1969).

Primeiramente, é preciso considerar a visão de ciência partilhada, ainda em nossos dias, pela comunidade

científica: uma incursão à Epistemologia e a entrevistas por questionário escrito, notas e gravações de relato de pesquisa, feitos junto a dezesseis representantes brasileiros da comunidade científica na área das Biociências (atuando na Universidade de São Paulo), mostra claramente a predominância de uma visão de objetividade, sinônimo de imparcialidade, isenção do sujeito, decorrente, para uns, do respeito ao paradigma científico mais reconhecido em sua época (dedução); para outros, da observação pura e simples de um fenômeno natural (indução). Mesmo aqueles que lançam um olhar crítico sobre essa visão de objetividade sentem a necessidade de obedecer às regras criadas e impostas pela comunidade científica dentre as quais se encontram a macro-organização textual, o emprego dos tempos verbais, da pessoa e das modalidades. Disso depende o reconhecimento da cientificidade de um artigo. J. F. Lyotard (1988:117) assim se pronuncia a respeito da linguagem denotativa da ciência pós-moderna:

"A pragmática científica está centrada sobre os enunciados denotativos, daí resultando instituições de conhecimento [...]. Mas seu desenvolvimento pós-moderno coloca em primeiro plano um 'fato' decisivo: é que mesmo a discussão de enunciados denotativos exige regras. Ora, as regras não são enunciados denotativos, mas prescritivos, que é melhor chamar metaprescritivos para evitar confusões (eles prescrevem o que deve ser os lances da linguagem para serem admissíveis)."

O testemunho fornecido por um de nossos informantes sintetiza bem o que acaba de ser dito. Para ele, o trabalho científico

"molda-se às exigências da comunidade científica que tenta estabelecer padrões de objetividade (= neutralidade) lingüística, tais como impessoalidade (uso da voz passiva), ausência de elementos lingüísticos que denotem emotividade ou observações pessoais explícitas por par-

te do pesquisador. A conclusão, no entanto, não pode ser categórica: daí a utilização convencional (obrigatória) de palavras como 'talvez, parece, pode ser...' mesmo que, na verdade, o cientista esteja, naquele momento, convencido da verdade de suas afirmações."

Mais um testemunho interessante, resposta a uma questão sobre o papel da intuição e da imaginação (elementos tidos como subjetivos) no trabalho científico, que revela a resistência, por parte dos cientistas, em admitir que a intuição exerce papel importante na experiência científica; quanto à imaginação, na medida em que e la contribui para suprir a falta de material num país de verbas escassas como o nosso, ela é mais facilmente admitida. Isso naturalmente decorre da visão racionalista da ciência, em oposição a uma visão mais subjetiva que vê o trabalho científico influenciado também pela ideologia... Senão vejamos:

"Convém lembrar o valor da intuição no trabalho científico. Normalmente, o cientista não está disposto a admitir que existe uma carga de intuição nas idéias e até na interpretação de um determinado resultado. As pessoas que não admitem o papel da intuição na atividade científica não estão propensas a admitir que a ciência possa ter ideologias subjacentes à interpretação dos resultados. Essas pessoas tendem a interpretar a ciência como algo muito racional. No entanto, eu acho, e você tem exemplos clássicos disso, que o indivíduo está influenciado pela sua ideologia, quando vai escrever, ainda que seja uma idéia estritamente científica, que não tenha tom ideológico ou político; ele deixa transparecer elementos de sua ideologia pela forma como ele apresenta, discute esses resultados. O problema é que o cientista não consegue deixar de lado sua parte humana quando vai escrever um trabalho científico: certamen-

*te na hora de expressar suas idéias, suas inter-
pretações a respeito daqueles fenômenos, aqui-
lo que foi o seu desenvolvimento vão aparecer;
e, embora muitas vezes ele próprio não admita
e nem perceba, vai aparecer como uma posição
ideológica."*

É interessante notar que este informante "admite" — quase que lamentando — a presença do componente ideológico na redação do artigo (cf. "deixa transparecer... O problema é que... não consegue..."), como reflexo da atividade científica em que intuição e ideologia são componentes essenciais para a interpretação dos resultados.

Finalmente, um último testemunho, em resposta a uma questão sobre a eventual relação entre os dois sub-processos constitutivos do discurso: pesquisa (investigação) e redação:

"Uma das grandes diferenças existentes entre o processo de pesquisa e o processo de elaboração do artigo é a seguinte: o primeiro é livre, no sentido de que ninguém, nem nenhuma exigência pode controlar o pensamento individual; o segundo é controlado tanto na forma de apresentação, quanto na linguagem utilizada, como se não bastasse a dificuldade normal de adequação da linguagem à mensagem, isto é, de codificação (com regras e limites de espaço e tempo) de um pensamento (sem limites nem regras)."

Estas poucas reflexões permitem mostrar que é o respeito às convenções pré-estabelecidas pela comunidade científica, passíveis de mudança no tempo e no espaço, no desejo de mostrar a validade da pesquisa, que explicam, de modo muito simples, as regularidades linguísticas dentre as quais as que acabamos de analisar. Assim se justificam o uso dos tempos verbais, da pessoa, o largo uso de indicadores modais de tipo lógico, funcionando como formas de argumentação, na medida em que atendem a expectativas de uma comunidade científica que cri

ou convenções capazes de respeitar e, de certa forma, concretizar lingüisticamente uma visão de objetividade científica, sinônimo de imparcialidade, isenção, fidelidade ao real. Esse desejo de fidelidade ao real pode, no entanto, manifestar-se de formas diferentes nas diferentes comunidades lingüísticas e científicas, como se percebe na análise dos tempos verbais e da pessoa em francês (não raro no presente e na primeira pessoa) e em português (no passado e na terceira pessoa).

Do que foi dito, então, pode-se concluir que o discurso científico primário é argumentativo e, portanto, subjetivo, visão camuflada pelas formas convencionais de apresentação, responsáveis pela ilusão científica de objetividade,

"stratagèmes manipulatoires capables de 'faire croire' que le discours démonstratif est 'neutre' et objectif". (Parret, 1983)

As diferenças do ponto de vista metodológico são de corência direta do que acaba de ser dito: excluindo-se as concepções **a** e **b** de discurso, as concepções de **c** a **h** trabalham com o texto, mas, justamente porque o fazem numa visão interativa, isto é, buscando recuperar a situação de enunciação (participantes, momento e lugar da enunciação, intenções de comunicação) no texto a partir de marcas, não vão muito longe. Em geral, o que lhes interessa é descrever o funcionamento do texto, como ele se apresenta na superfície e como ele explicita suas relações com a exterioridade, normalmente chamada "dados extra-lingüísticos". Esta metodologia defende, pois, a concepção de linguagem em que prevalece a dicotomia lingüístico/extra-lingüístico e dela não escapa a teoria da enunciação iniciada por E. Benveniste.

Parece, então, que a metodologia de Análise de Discurso que privilegia as condições de Produção como norteadoras de sua análise, na medida em que não fecha a questão, pré-determinando formas lingüísticas capazes de veicular subjetividade ou objetividade, denotação ou conotação, está mais apta a assimilar uma visão pós-moder

nista de ciência que, apesar de reconhecer

"o peso das instituições que impõem limites aos jogos de linguagem e assim restringem a inventividade dos parceiros em matéria de lan-ces" (Lyotard, 1988:31),

entende que é possível romper com as regras pré-estabelecidas

"se os limites da antiga instituição forem ultrapassados." (op. cit.:32)

NOTAS

- (1) Artigo científico de tipo primário corresponde ao artigo que tem por objetivo relatar uma experiência científica.
- (2) Sabemos que as condições reais de produção não podem ser restabelecidas, cf. Foucault, 1969.
- (3) Para um aprofundamento dessas questões, cf. Coracini, 1988.
- (4) Embora tendo conhecimento das inúmeras diferenças existentes entre as dicotomias história/discurso — (Benveniste) e comentário/relato (Weinrich), não entraremos em detalhes neste artigo.
- (5) Para detalhes, ver Bouacha, 1984.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. (1966) *Problèmes de Linguistique Générale* le I. France, Ed. Gallimard.
- BEACCO, J-C. (1988) *La Rhétorique de l'Historien*. Berne. Peter Lang.
- BEACCO, J-C. & DAROT, M. (1984) *Analyses de Discours — lecture et expression*. Paris. Hachette.
- BOUACHA, A-A. (1984) *Le Discours Universitaire*. Berne. Peter Lang.
- CORACINI, M.J.R.F. (1988) *A Subjetividade no Discurso*

Científico. Análise do Discurso Científico Primário em Português e em Francês. Tese de Doutorado, PUC-SP. LAEL. CHARAUDEAU, P. (1983) *Langage et Discours*. Paris. Hachette.

DERRIDA, J. (1973) *Gramatologia*. Trad. Bras. São Paulo. Ed. Perspectiva.

DUCROT, O. (1981) *Les Mots du Discours*. Paris. Les Ed. du Seuil.

_____. (1984) *Le Dire et le Dit*. Paris. Les Editions de Minuit.

FOUCAULT, M. (1969) *L'Archéologie du savoir*. France. Galilimard.

FUCHS, C. & PÊCHEUX, M. (1975) "Mises au Point et Perspectives en Analyse du Discours". *Langages*, 37. Paris. Larousse.

HESLOT, J. (1983) "Récit et Commentaire dans un article scientifique". *DRLAV*, 29. Paris. Université de Paris VIII.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1980) *Enonciation de la Subjectivité dans le langage*. Paris. Colin.

LOFFLER-LAURIAN, A.M. (1983) "Typologies des discours scientifiques". *Études de Linguistique Appliquée*, 51. Paris. Didier Erudition.

LYOTARD, J-F. (1979) *O Pós-Moderno*. Trad. Bras. Rio de Janeiro. José Olympio Edit. 3a. ed., 1988.

MAINGUENEAU, D. (1976) *Initiation aux Méthodes en Analyse du Discours*. Paris. Hachette.

_____. (1987) *Nouvelles Tendances en Analyse du Discours*. Paris. Hachette.

ORLANDI, E. (1986) "Análise de Discurso: algumas observações". *Delta*, vol. 2, nº 1, pp.105-126.

_____. (1987) *A Linguagem e seu Funcionamento*. 2a. ed. Campinas, Edit. Pontes.

ORLANDI, E. & GUIMARÃES, E. (1986) "Unidade e Dispersão" (mimeo).

PARRET, H. (1983) "La mise en discours en tant que déictisation". *Langages*, 70. Paris. Larousse.

PÊCHEUX, M. (1969) *Analyse Automatique du Discours*. Paris. Dunod.

- SIMONIN-GRUMBACH, J. (1975) "Pour une typologie des discours". *Langue, Discours, Société*. Paris. Ed. du Seuil.
- _____. (1977) "Linguistique Textuelle et Étude des Textes Littéraires - A Propos de 'Le Temps' de Weinrich". *Pratiques*, 13. France. Metz.
- SINCLAIR, M. & COULTHARD (1975) *Towards an Analysis of Discourse*. Oxford University Press.
- VIGNER, G. (1979) *Lire: du Texte au Sens*. Paris. Clé International.
- WEINRICH, H. (1973) *Le Temps*. Trad. Française. Paris. Ed. du Seuil.

CORPUS - ARTIGOS CITADOS

Corpus P (em português)

- I - "A quebra da dormência da semente das espécies selvagens da mandioca, *Manihot spp*". *Ciência e Cultura*, 35(5). 1983.
- III - "Efeito da colchicina e vimblastina sobre a secreção dos odontoblastos de incisivo inferior de camundongo revelado por radioautografia após injeção de S-Sulfato de sódio". *Ciência e Cultura*, 35 (7), jul. 1983.
- VII - "Aplicação do índice plastocrônico à análise do desenvolvimento das folhas de *Curatella Americana L.* (Dilleniaceae em condições naturais)". *Boletim de Botânica*, 4:81-104. 1976.
- XXI - "Propagação vegetativa de *Oxalis Latifolia Kunth.* (Oxalidaceae)". *Boletim de Botânica*, n. 5:13-20 - USP. 1977.
- XXII "Stress hídrico e alguns aspectos do comportamento fisiológico em *Xerophyta Plicata Spreng - Velloziaceae*". *Boletim de Botânica*, n. 5:27-42. USP. 1977.
- XXIII "Química da folha de *Bauhinia Holophylla (Bongard) Steudel*". *Boletim de Botânica*, n. 5:43-52. USP - 1977.
- XXVI "Algumas observações sobre a cinética do fitoplâncton marinho." *Boletim do Inst. Oceanográfico*, 31(2):13-27. 1982.

- Corpus F (em francês)
- III - "Comparaison des temps de rejet d'allogreffes de peau réalisées entre adultes trisomiques et diploïdes chez le Triton Pleurodeles Waltlii (Amphibien, Urodèle)". *C.R.Acad. Paris*. 1982.
- IV - "Étude quantitative de l'effet simultané de la température et de l'humidité du sol sur la dénitrification". *Rev. Ecol. Biol. Sol*, 20(1)- 1-5. 1983.
- V - "Étude du cycle biologique de *Sphaeroma Serratum* Fabricius (Crustacé, Isopode, Flabellifère) dans une population du littoral charentais. Comparaison avec le cycle biologique des populations méridionales". *Bull. Soc. Zoo. de France*, 108 (1): 79-91. 1983.
- XV - "Incorporation de glycine-H chez les glandes pétiolaires de *Mercurialis annua* L." *Planta (Berl.)* 87: 275-289. França.
- XVI - "Structures respiratoires et excrétrices secondaires des Limaces (Gastropoda: Pulmonata: Stylomatophora)". *Bull. Soc. Zool. de France*, t. 108 (1). Paris. 1983.
- XVIII - "La régulation osmotique étonique chez *Homarus Gammarus* (L.) (Crustacea: Decapoda)". *Journal Exp. Mar. Biol. Ecol.*, 76:191-199. França, 1984.
- XIX - "La Sécrétion Lipophile des Bourgeons d'*Aesculus Hippocastanum* L.: Modifications ultrastructurales des trichomes au cours du processus glandulaire". *Journal de Microscopie et de Biologie Cellulaire*, 24:75-90. 1973.
- XXII - "Pression partielle de gaz carbonique et concentration des bicarbonates dans l'hémolymphe de *PE RIPATUS ACACIOI MARCUS ET MARCUS* (Onychophore)". *Bol. Fisiol. Animal*, 2:23-32. USP.
- XXIII - "Régulation isosmotique intracellulaire chez *Eriocheir Sinensis* après ablation des pédoncules oculaires". *Archives Intern. de Physiol. et de Biochimie*, 70(3) 393-396.